



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**RENALLY RODRIGUES LEÃO**

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO DIÁRIO DA BORBOREMA  
ENTRE OS ANOS DOURADOS E OS ANOS DE CENSURA: DAS  
MULHERES IMACULADAS DA ELITE BRANCA ÀS MULHERES  
MUNDANAS, NEGRAS E POBRES**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**

**RENALLY RODRIGUES LEÃO**

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO DIÁRIO DA BORBOREMA  
ENTRE OS ANOS DOURADOS E OS ANOS DE CENSURA: DAS  
MULHERES IMACULADAS DA ELITE BRANCA ÀS MULHERES  
MUNDANAS, NEGRAS E POBRES**

**Trabalho de Conclusão Curso  
(Monografia) apresentado ao Curso  
de Licenciatura em História do Centro  
de Humanidades da Universidade  
Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciada em História.**

**Orientadora: Professora Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2021**



L437r Leão, Renally Rodrigues.

Representações femininas no Diário da Borborema entre os anos dourados e os anos de censura : das mulheres imaculadas da elite branca às mulheres mundanas, negras e pobres. / Renally Rodrigues Leão. - 2021.

63 f.

Orientadora: Profa. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia (Curso de Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades.

1. Representações femininas. 2. História cultural. 3. Gênero. 4. Mulheres negras. 5. Mulheres na imprensa paraibana. 6. Jornal Diário da Borborema. 7. Representação - Roger Chartier. 8. Imprensa em Campina Grande - PB. I. Cavalcanti, Silêde Leila Oliveira. II. Título.

CDU:94-055.2(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**RENALLY RODRIGUES LEÃO**

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO DIÁRIO DA BORBOREMA  
ENTRE OS ANOS DOURADOS E OS ANOS DE CENSURA: DAS  
MULHERES IMACULADAS DA ELITE BRANCA ÀS MULHERES  
MUNDANAS, NEGRAS E POBRES**

**Trabalho de Conclusão Curso  
(Monografia) apresentado ao Curso  
de Licenciatura em História do Centro  
de Humanidades da Universidade  
Federal de Campina Grande, como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciada em História.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Professora Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti.  
Orientadora – UAH/CH/UFCG**

---

**Professora Dra. Regina Coeli Gomes Nascimento.  
Examinadora I – UAH/CH/UFCG**

---

**Professora Dra. Damiana de Matos Costa Santos.  
Examinadora II – UAH/CH/UFCG**

**Trabalho aprovado em: outubro de 2021.**

**CAMPINA GRANDE - PB**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos que tornaram possível a construção do meu caminho como historiadora, principalmente minha família. Aos meus pais, Líria e Admilson, por todos os seus esforços que me permitiram chegar até aqui, por permitirem que eu me dedicasse exclusivamente a minha formação, apesar de todas as dificuldades que enfrentamos. A minha mãe, por todos os sacrifícios que fez que fez em nome dos meus estudos, obrigada! Nunca poderei colocar em palavras o quanto sou grata. Também agradeço aos meus irmãos, a Wesley, e a minha irmã Emmanuelle. Ela por ser companheira nas madrugadas de estudo, pelos conselhos, pelos puxões de orelha, por ter me levado junto para assistir suas aulas na UFCG quando eu ainda era criança. Vocês foram minha base.

A minha orientadora, Silêde Leila, por me receber de braços abertos desde a nossa primeira conversa, por sua paciência, por me fazer acreditar que eu conseguiria levar este trabalho para frente desde o primeiro momento, por me fazer abrir os olhos para outras temáticas, por suas palavras de acalento que muitas vezes acalmaram meu coração aperreado.

Agradeço em especial ao PET História, na figura do professor Luciano Queiroz, por ter me proporcionado experiências e discussões que foram fundamentais para a formação social e política de quem eu sou hoje, enquanto pessoa e historiadora, e que foram indispensáveis para a construção desse trabalho. Aos colegas de reuniões e risadas na mesa da sala do quinto andar, aqui cito: Ana Paula, Mikaelly, Érica e Ismael.

Sempre me avisaram que a trajetória acadêmica não seria fácil, e realmente não foi, mas, pude ter a sorte de encontrar pessoas incríveis com quem pude caminhar junto. Aos companheiros de curso com quem compartilhei aulas, xerox, e lanches em Marcos acompanhados de conversas intermináveis, em especial: Tarcísio, Lulinha, Victória, Bobby, Michell, João, Maria Fernanda, Raí e Lucas. Como gostaria de ter a oportunidade de fazer um último rodízio de Kró com vocês.

A minha amiga Yona, por ter sido minha fiel escudeira e companheira nessa trajetória final tão complicada, as tardes de estudo e fofoca foram essenciais para que chegássemos até aqui juntas! A Fernanda, minha gêmea, obrigada por topa tudo e por ser tão parceira, a Virgínia, por todas as conversas, conselhos e aventuras compartilhadas, a Rosa, por estar ali em todos os momentos, a Jhon, o ídolo, por ser

esse ser de luz, a Milena, por parecer adivinhar sempre que eu preciso desabafar e por ter me ajudado na minha pesquisa quando nem eu sabia que caminho iria seguir.

Ao meu namorado, Henrique, que trouxe calma em num momento de caos, e sempre me fez acreditar nas minhas capacidades mesmo quando eu achava que não iria dar certo, apesar de nunca entender muito bem o tema do meu TCC. Por me acalmar nos momentos de desespero, por entender minhas ausências, pelos lanches e pelos chocolates

A todos os professores da unidade de história, em especial o professor Luciano Mendonça, por sempre ser tão aberto e por me ter cedido o seu acervo documental com tanta prontidão.

A todas as mulheres que abriram caminho para que eu estivesse aqui hoje, estudando história como um ato de resistência.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações dos femininos presentes nas páginas do Jornal Diário da Borborema, em Campina Grande – PB, entre os anos de 1968 a 1971. Para tanto, será feito um recorte das páginas policiais e das colunas sociais, buscando mostrar as intencionalidades presentes nos discursos construídos sobre as mulheres da elite e das mulheres pretas e periféricas. Para isto, será utilizado como fonte o jornal Diário da Borborema, produzido e publicado na cidade, no período da referida pesquisa, compreendendo o periódico como uma fonte que opera a partir de finalidades políticas que busca estabelecer em seu discurso uma narrativa pedagógica. O alicerce teórico metodológico utilizado nessa análise será a História Cultural, a partir do conceito de representação de Roger Chartier.

**Palavras-chave:** representações, mulheres, história cultural, gênero.

## **LISTA DE ABREVIações**

**DB** – Diário da Borborema

**DVC** – Delegacia de Vigilância e Costumes

**UFPB** – Universidade Federal da Paraíba

**EUA** – Estados Unidos da América

**URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas



**LISTA DE FIGURAS:**

|                        |           |
|------------------------|-----------|
| <b>Figura 1</b> .....  | <b>25</b> |
| <b>Figura 2</b> .....  | <b>27</b> |
| <b>Figura 3</b> .....  | <b>27</b> |
| <b>Figura 4</b> .....  | <b>29</b> |
| <b>Figura 5</b> .....  | <b>30</b> |
| <b>Figura 6</b> .....  | <b>31</b> |
| <b>Figura 7</b> .....  | <b>32</b> |
| <b>Figura 8</b> .....  | <b>35</b> |
| <b>Figura 9</b> .....  | <b>36</b> |
| <b>Figura 10</b> ..... | <b>37</b> |
| <b>Figura 11</b> ..... | <b>41</b> |
| <b>Figura 12</b> ..... | <b>42</b> |
| <b>Figura 13</b> ..... | <b>43</b> |
| <b>Figura 14</b> ..... | <b>44</b> |
| <b>Figura 15</b> ..... | <b>44</b> |
| <b>Figura 16</b> ..... | <b>46</b> |
| <b>Figura 17</b> ..... | <b>46</b> |
| <b>Figura 18</b> ..... | <b>46</b> |
| <b>Figura 19</b> ..... | <b>47</b> |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....   | 10 |
| CAPÍTULO 1 .....   | 13 |
| 1.1 As recepções da Rainha da Borborema às transformações político-nacionais e aos processos de modernização das décadas de 1960/1970 .....                                      | 13 |
| 1.2 - “Campina Grande tá bonita tá mudada, muito bem organizada, cheia de cartaz”: imprensa, Gênero e a modernização da comunicação em Campina Grande .....                      | 18 |
| CAPÍTULO 2 .....   | 24 |
| 2.1 - A Rainha da Borborema é palco para as Rainhas dos <i>lares</i> e dos <i>bares</i> : das mulheres imaculadas à mundanas .....   | 24 |
| 2.2 - <i>Tudo branco no preto</i> : representações de mulheres pobres e negras nas páginas do Diário da Borborema .....  | 32 |
| 2.3 - “ <i>Pretas, pobres, putas e macumbeiras</i> ”: O jornal e a linguagem social reproduzindo preconceitos de gênero, de raça, de condição social e de crença religiosa ..... | 34 |
| CAPÍTULO 3 .....   | 39 |
| 3.1 - As mulheres das colunas sociais no jornal Diário da Borborema: “Bela, recatada e do lar” .....   | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....  | 48 |
| REFERÊNCIAS: .....   | 50 |
| ANEXOS: .....  | 53 |

## INTRODUÇÃO

O meu interesse por buscar compreender mais sobre os debates relacionados aos estudos de gênero surgiu ainda no início da minha formação enquanto historiadora, no entanto, essa vontade é algo que antecede a minha entrada no curso de história. Enquanto mulher, sempre tive a curiosidade de buscar entender mais sobre as raízes das formas de opressão e violência que sofremos, e o curso de história me possibilitou encontrar respostas para algumas dessas questões, assim como esse processo também abriu novas reflexões e interesses de pesquisa em História.

Dessa forma, ao adentrar no curso de história pude perceber que essas questões sobre as quais buscava entender eram muito mais complexas do que poderia imaginar. Tive então a oportunidade de fazer algumas leituras relacionadas com esta temática já no terceiro período, muito influenciada pela professora Michelly Cordão, a qual sempre trazia para suas aulas discussões que buscavam relacionar a temática de gênero nas disciplinas que ofertava.

Aos poucos, fui realizando leituras dentro desse campo temático tão amplo, buscando me encontrar teoricamente. Tive então a oportunidade de ter o contato com a professora que hoje é minha orientadora, Silêde Cavalcanti, e fui sendo guiada para buscar trabalhar com a possibilidade desse referido tema.

Nas conversas e orientações com Silêde, após alguns encontros e desencontros sobre a temática, pensamos juntas nas possibilidades de pensar quais eram as representações do feminino no jornal Diário da Borborema, trabalhando o recorte dos anos finais da década de 1960 e iniciais de 1970.

Assim, após ter contato com o vasto acervo<sup>1</sup> que me foi cedido pelo professor Luciano Mendonça<sup>2</sup>, pude estabelecer quais seriam realmente os objetivos da minha pesquisa. Quando comecei a analisar os jornais, uma série de questionamentos foram surgindo em decorrência também da natureza da fonte que é o jornal, visto ser uma fonte bastante complexa, rica e plural, onde cada página pode ser fonte de pesquisa e interesse para o historiador. Entretanto, algo em especial me chamou atenção: a forma com que as mulheres eram representadas no período, geralmente aparecendo

---

<sup>1</sup> As fontes que tive acesso foram resultado de um projeto de pesquisa, encabeçado pelo professor da Unidade Acadêmica de História da UFCG, Cabral Filho, que buscou realizar a digitalização o acervo do jornal Diário da Borborema, dos anos de 1957 a 1975.

<sup>2</sup> Professor da unidade acadêmica de História da UFCG e coordenador do Setor de Documentação e História Regional (SEDHIR).

nas páginas das colunas sociais como símbolos de uma elite campinense que prezava pela manutenção da imagem da “boa moça”, da “dama da sociedade”, que se encaixava dentro dos morais impostos.

Do outro lado da moeda, ou nas páginas ao lado, tínhamos as mulheres que apareciam nas páginas policiais, estas pertencentes às classes pobres. A exposição de suas imagens estabelecia uma função quase que pedagógica, mostrando quais os exemplos de mulheres que não deveriam ser seguidos. Junto a isso, ainda pude perceber um recorte de raça que poderia ser feito, ao notar que o jornal desqualificava a imagem das mulheres negras, e estas nunca apareciam como concorrentes dos concursos de beleza da cidade ou muito menos dentro das páginas das colunas sociais, estando associadas a uma noção de pobreza e de estigma social.

A partir dessas observações, estabeleci os seguintes objetivos para a minha pesquisa: problematizar quais eram as representações construídas sobre e para as mulheres da elite e as mulheres pobres; analisar de que forma essas representações se costuravam ao corpo do jornal, especialmente nas colunas sociais e nas páginas policiais; questionar qual era o padrão de beleza proposto nos concursos de beleza veiculados no jornal e problematizar às representação das mulheres negras e pobres no Diário da Borborema.

Posto isso, pude verificar certa ausência dessa temática nas pesquisas locais, o que mais se aproximou foi a pesquisa de Ajanayr Michelly Sobral Santana<sup>3</sup>, que analisa a escrita feminina na imprensa campinense a partir de periódicos voltados para o público feminino, na década de 1950.

Este trabalho foi desenhado da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresento o contexto histórico da cidade de Campina Grande, buscando recuperar sua dinâmica sócio-política e seu diálogos e recepções às conjunturas nacionais e as transformações culturais a partir de movimentos sociais e reivindicatórios. No segundo capítulo, faço uma análise das representações do feminino nas páginas do Diário da Borborema, recortando as páginas policiais e as colunas sociais. No terceiro capítulo, discuto de que forma se dava a representação das mulheres negras, ampliando o

---

<sup>3</sup> SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **Tecendo caminhos escriturísticos nas páginas da história: cartografia da escrita feminina na imprensa campinense (1950)**. 2010. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual de Campina Grande, Campina Grande, 2010.

campo de análise do referido jornal, mapeando diversas colunas e sessões, questionando o primado da estética branca associado ao estigma da estética negra, ou seja, promovo uma leitura a partir do campo de estudos étnico-raciais.

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 As recepções da Rainha da Borborema às transformações político-nacionais e aos processos de modernização das décadas de 1960/1970**

Neste capítulo, a escolha metodológica foi contextualizar a cidade de Campina Grande, promovendo uma apresentação das dinâmicas histórico-políticas e sociais vivenciada por esse município entre as décadas de 1960 e 1970, recorte temporal dessa pesquisa. A partir daí faço conexões e articulações com os acontecimentos e de transformações históricas.

A realidade de Campina Grande não estava descolada do cenário vivenciado internacionalmente entre os anos de 1960 e 1970, portanto é necessário fazer essa conexão com a conjuntura mundial enfrentada nesse período. Diante disso, para entendermos a realidade das décadas em questão com mais profundidade é preciso fazer destaques aos acontecimentos mais significativos e de grandes implicações, tais como o da Guerra Fria, uma experiência marcada pela polarização entre as duas que eram as maiores potências mundiais naquela realidade: Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), de um lado tínhamos os países que se alinharam ao sistema capitalista e do outro os países que apoiavam o bloco socialista.

Crescer entre ameaças nucleares foi o que marcou algumas gerações, por cerca de quarenta anos o medo era uma constante diária para as pessoas que tiveram suas vidas marcadas por esse conflito nunca antes visto, como aponta o historiador Eric Hobsbawm em seu livro *Era dos Extremos* (1995).<sup>4</sup> Como podemos explicar esse acontecimento que marcou a história que foi a Guerra Fria? Ainda de acordo com o autor, o equilíbrio de poder e controle das regiões entre as duas potências se dava de forma desigual, e esse frágil acordo foi sendo mantido.

Entre as décadas de 1960 e 1970 o cenário de efervescência política e cultural marca principalmente os países da Europa e os Estados Unidos, o que faz com que os movimentos sociais se desenvolvam com bastante evidência nessa conjuntura. Os jovens buscavam combater os ideais tidos como dominantes, sejam nos EUA ou nos países europeus, sendo maio de 1968 em Paris uma das expressões mais significativas desse movimento de contestação dessa geração que por alguns autores

---

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* - São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 271

é considerada inovadora, por questionar os valores conservadores, as organizações sociais e as relações de poder.

No entanto, o contexto que o Brasil enfrentava naquele período era completamente diferente em comparação a esses países nos quais havia uma intensa ação dos movimentos sociais. A realidade do nosso país era outra, no dia primeiro de abril de 1964 ocorreu o golpe militar, instaurando um regime ditatorial que permaneceria no poder durante longos 21 anos. O período da ditadura militar é marcado pela cassação de direitos políticos, da liberdade, torturas e exílios daqueles que de alguma forma se posicionaram contra o regime.

Portanto, para entendermos o contexto dos anos 1960 e 1970 na Rainha da Borborema é necessário retroceder um pouco para as décadas anteriores, a partir desse movimento, se torna possível compreender o processo de modernização da cidade que ainda estava em curso no período estudado.

De acordo com Cabral (2010), entre as décadas de 1930 a 1950, Campina Grande vivenciou um período de intensa modernização no cenário urbano, motivada pelo ciclo do algodão que trouxe um grande desenvolvimento econômico para a cidade, que fica conhecida como “Liverpool Brasileira”, devido ao grande destaque que passa a ter até internacionalmente devido produção de algodão, e toda essa proeminência torna Campina Grande naquele momento, uma cidade interiorana, como uma verdadeira referência, e isso acarreta em influências diretas nas vivências cotidianas dos locais. Esse período foi marcado por uma reestruturação das ruas centrais da cidade, e da paisagem urbana como um todo, o que estabelece não só novas formas de viver esses espaços modernizados, como também formas de exclusão.<sup>5</sup>

De acordo com Cavalcanti<sup>6</sup>, no auge do “boom” do algodão, Campina Grande alcança níveis de desenvolvimento, não só no âmbito econômico, como também no setor urbano e demográfico, que poucas cidades do Brasil puderam atingir no mesmo período, chegando até a superar a capital do estado. Havia uma necessidade urgente por parte do governo municipal para ordenar o espaço urbano campinense, para que dessa forma a imagem de progresso também fosse transmitida por meio de suas ruas.

---

<sup>5</sup> QUEIROZ, Marcos Vinicius Dantas de. Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de campina grande em transformação (1930 - 1950). 2008. p. 17

<sup>6</sup>CAVALCANTI, Silêde Leila O. Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a modernização dos costumes - Campina Grande 1930/1950. Mestrado em História. Recife: UFPE, 2000.

De acordo com a historiadora, a cidade passa por um processo de aburguesamento, que ocorre sem deixar de lado suas origens agrárias e patriarcais.

Nas duas gestões (1935/1937 e 1940/1945) do prefeito Vergniaud Wanderley o processo de urbanização será intenso, porém violento, ditatorial, e arbitrário; as pessoas serão desrespeitadas como cidadãos, perdendo direitos legalizados como o de propriedade privada, sendo praticamente expulsas de suas casas para dar lugar às construções modernas, às ruas, e praças largas e avenidas urbanizadas, viabilizadas com a retirada de becos e de construções de aspectos “rurais”. (CAVALCANTI, 2000, p.54)

No final da década de 1950 a economia algodoeira entra em declínio, deixando para trás a imagem de uma cidade promissora que vinha se construindo. No entanto, no decorrer desse período, o discurso que se fazia presente entre a elite e a mídia local era de uma cidade que estava em pleno avanço, e esses discursos buscavam esconder a verdadeira realidade de uma cidade interiorana que enfrentava diversas questões.

Devemos, no entanto, estar cientes de que essa ideia de verdade que os discursos progressistas pregavam, partiam de um lugar de interesse, obedecendo a uma lógica de determinado grupo social que aqui denominamos de elite. Os discursos que emergem dessa lógica, corroboram para uma versão de cidade que se apresenta como o orgulho do Estado e de todos os paraibanos, de uma cidade ideal, limpa, civilizada, moderna e urbanizada que, todavia se apresenta para nós e para outros tantos estudiosos das humanidades, com uma face excludente e homogeneizadora. (FIGUEIREDO, 2012, p.42)

Durante esse contexto Campina Grande cresce, e o seu número de habitantes acompanha esse crescimento, de acordo com Souza (2012), a cidade recebe vários “forasteiros” de outras regiões, pessoas que chegavam aqui buscando melhores condições de vida, o que causa um estranhamento por parte das famílias campinenses, que prezavam pelo antigo status quo da cidade.

Diante disso, na década de 1960, a Rainha da Borborema enfrentava um processo de transição, com o fim do ciclo do algodão a cidade agora passa processo por um de industrialização, “[...] a cidade passou a destituir a imagem de centro atrasado e seguiu os desdobramentos que se alastrava no país durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961)” (FERNANDES, 2011, p.11). Um exemplo dessa busca por um desenvolvimento aos moldes da época é a implantação do campus II da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Campina Grande agora buscava voltar seus interesses à consolidação da indústria e das instituições de ensino superior aqui instaladas.



A partir dessa perspectiva, o cenário do início da segunda metade do século XX não se mostra tão favorável para o desenvolvimento da economia e da indústria campinense. Esse projeto é freado bruscamente a partir do golpe militar de 1964. Para as elites, sua concepção de cidade desenvolvida sofre um grande baque:

A cidade que elas pensavam ter construído e inventado só para si estava se desfazendo muito rapidamente e, por consequência, seus lugares sociais estavam sendo ameaçados. Todas as referências sociais, espaciais, econômicas, políticas e também culturais, assim como os códigos e as regras de civilidade e de bem viver que as mesmas haviam instituído e que diziam materializadas na própria cidade tinham desaparecido ou estavam desaparecendo e se despedaçando em pouco menos de duas décadas. A imagem de cidade moderna, desenvolvida, progressista, industrializada e, portanto, grandiosa havia se deteriorado sensivelmente e perdido grande parte de seu sentido. (SANTOS, 2008, p.60,61)

Esse momento de transição se reflete no estabelecimento de novos padrões culturais, a partir de então a cidade passa a ser vivenciada de diferentes formas, os campinenses agora experimentam outros espaços de lazer e sua circulação nesses lugares que se modernizaram agora se dará de outro modo. De acordo com Souza (2012), “[...] As ruas, avenidas e praças eram espaços de circulação, de conglomerações, mas também de disputas [...]”, o que mostra como a forma cada grupo iria ocupar o seu espaço na cidade que mudava perante seus olhos de diferentes maneiras, sendo a classe um fator determinante para essa definição dos espaços.

As ruas, praças e avenidas, apesar de serem espaços em si, só ganham status de território quando por elas transitam, param e agem as pessoas. Através das práticas afetivas que cada um desenvolve com o espaço cria-se um território, um lugar no mundo, uma forma de estar no mundo. (SOUZA, 2012, p. 28)

Entre 1950 e 1970 também há o surgimento de diversos espaços voltados para o lazer, como cinemas, tínhamos o Cine Babilônia, o Cine-Theatro Capitólio, o Cine Avenida, além de outros, mas estes citados se localizavam nas áreas centrais da cidade, também havia o Teatro Municipal Severino Cabral, construído em 1963, e os clubes privados também eram uma opção. Um aspecto importante a ser ressaltado é a classe social dos que podiam frequentar e circular entre esses espaços, apenas um círculo muito restrito podia ter acesso a esse tipo de lazer.

No âmbito dos espaços considerados “públicos”, as praças do centro se tornaram um lugar que possibilitaram uma maior circulação da população, campinenses das mais diferentes idades e grupos sociais aproveitavam aqueles espaços principalmente durante os finais de semana.

A mudança na estrutura material da cidade repercutiu nos hábitos de consumo e nas maneiras de usar o espaço urbano, pois nesse novo cenário, não raro foram os movimentos de consumo, de paquera, de trabalho, de roubo, de desfile de moda. [...] a sensibilidade moderna seduz e hipnotiza os sujeitos, que se veem envolvidos pelas novidades da vida moderna: fachadas de cristal, vitrines, luz elétrica, carros. Mais que espectadores de um espetáculo fantástico, vêm-se consumidos pelas chamas da modernidade. (ARAÚJO, 2010, p.16)

Desse modo, de acordo com o que já foi apontado, esse processo de modernização da cidade é sentido e vivenciado pelas mulheres de uma maneira diferenciada, a segunda metade do século XX é marcada por um plano de fundo que coloca a realidade das mulheres sob uma nova perspectiva. Assim:

A cidade é demarcada por fronteiras sociais e sexuais, assim, no espaço urbano delineado por múltiplas diferenciações definidas por linhas invisíveis e nem sempre explícitas, são construídas as relações de poder entre os gêneros. A segregação do espaço urbano, inclusive a sexual, se escreve também por símbolos, por cercas e fronteiras imaginárias. (VIANNA, 2009, p.27)

Posto isso, a inserção da mulher no ambiente urbano é experimentado de outra forma, a partir de agora há uma entrada maior no mercado de trabalho, importante destacar que a realização de atividades remuneradas fora do ambiente doméstico sempre foi uma realidade para as mulheres menos abastadas.<sup>7</sup> Mas, esse processo de entrada da mulher no mundo do trabalho não mudava a noção pré-estabelecida na sociedade sobre o ideal feminino, a mulher tida como modelo ainda era a mãe, dona de casa que se dedicava exclusivamente a casa e a criação dos filhos, o modelo que uma “mulher direita” deveria seguir.

Sobre esse processo Cavalcanti faz a seguinte análise:

O processo de expansão capitalista, de crescimento industrial, bem como de modernização e liberalização das mulheres às ruas, pelo menos em nível de Brasil, não significou uma mudança rápida nos papéis de gênero e nem nas imagens cristalizadas da mulher como um ser frágil. (CAVALCANTI, 2000, p.64)

E isso se reforça principalmente se estivermos falando de uma cidade interiorana como Campina Grande, o que vai de encontro direto com a imagem que a mídia local buscava construir, que tentava mostrar em suas páginas ares de modernidade, de um desenvolvimento quase cosmopolita.

---

<sup>7</sup> SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 362-400.

## 1. 2 - “Campina Grande tá bonita tá mudada, muito bem organizada, cheia de cartaz”: imprensa, Gênero e a modernização da comunicação em Campina Grande

A composição de Jackson do Pandeiro nos remete a uma Campina Grande em desenvolvimento e ganhando destaque nacional no seu processo de modernização. Podemos recorrer ao “*cheia de cartaz*” não só com o significado de que ela estava em alta na sua reputação, mas também em relação ao avanço no processo de letramento da cidade, com a criação de escolas e ampliação dos meios de circulação da imprensa.

Quando se discute a respeito da adoção dos jornais como fontes de pesquisa histórica é importante que possamos entender como se deu o processo de descoberta do que hoje entendemos como uma rica fonte histórica que abre nossas perspectivas para a possibilidade de um olhar sobre as relações de poder e discursos construídos. Sendo assim, os jornais foram durante muito tempo colocados de lado dentro da construção das pesquisas e narrativas historiográficas, de acordo com De Luca (2005), para os pesquisadores os periódicos não poderiam ser considerados um material completo o suficiente para quem estava em busca de reconstruir o passado.

O movimento da Escola dos Annales<sup>8</sup> busca então trazer uma nova perspectiva a determinados tipos de fontes, o conceito de documento é ressignificado, mas é a partir da terceira geração que temos um verdadeiro reconhecimento sobre a potencialidade da imprensa enquanto material de pesquisa para que o historiador tenha a possibilidade de redescobrir e discutir o passado sobre uma nova ótica.

O que ficou conhecido como Nova História ampliou os horizontes do historiador no que diz respeito às novas fontes, mas também possibilitou que este trouxesse uma nova abordagem para a análise de suas pesquisas, deixando de lado a questão da imparcialidade, algo que hoje sabemos que é inalcançável, os historiadores, sempre apresentam seu ponto de vista em suas abordagens.

A partir dessa redescoberta da imprensa como instrumento de análise para a história é possível que o historiador faça um estudo das diversas nuances que se

---

<sup>8</sup> A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico que surge na França, na primeira metade do século XX, fundado pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A nova tendência historiográfica entra em cena para questionar as concepções ligadas a uma historiografia tradicional, positivista, visando construir uma perspectiva mais ampla da História. Algumas das grandes contribuições do movimento dos Annales foi a reinterpretação do conceito de fontes históricas e o movimento que permitiu uma maior interdisciplinaridade com outras ciências.

fazem presentes dentro de suas páginas. Sendo um instrumento de comunicação polifônico, a partir do jornal é possível conceber diversos estudos sobre as questões econômicas, políticas e também das práticas sociais que nos constituem enquanto corpo social.

No que concerne ao cenário da historiografia brasileira, houve uma certa resistência à adoção dos periódicos como fontes primárias. O primeiro autor no âmbito nacional a adotar os periódicos como instrumento de análise foi Gilberto Freyre, utilizando de anúncios de jornais do século XIX para fazer uma investigação sobre a sociedade da época.

Como reflexo do movimento dos Annales, abre-se as possibilidades para que novas abordagens sejam trabalhadas dentro da história. Se no século XIX e XX o que tínhamos era a predominância das fontes oficiais nos estudos historiográficos, fontes estas nas quais as mulheres eram invisibilizadas, a partir de Lucien Febvre e Marc Bloch há uma ampliação desses cenários a serem explorados, esse movimento que posteriormente levou a integração das mulheres as discussões historiográficas.<sup>9</sup>

A década de 1960 chega e traz consigo uma série de movimentos de críticas sobre o que vinha sendo produzido na historiografia, buscando com isso trazer também novas perspectivas sobre a história.

Durante a década de 1960, cresceu na historiografia um movimento, crítico do racionalismo abstrato, que relativizou a importância de métodos ou de conceitos teóricos rígidos. [...] O conhecimento histórico tornou-se relativo, tanto a uma determinada época do passado, como a uma dada situação do historiador no tempo, o qual procura interpretar os processos de mudança através de um conhecimento dialético. (SOIHET, PEDRO, 2007, p.284,285)

Assim, novos campos da história passam a ser explorados, como a história das mentalidades e a história cultural, o que colabora ainda mais na construção de uma história que agora passe a englobar as mulheres em suas narrativas. Junto a isso, temos a explosão do feminismo a partir do final da década de 1960, todas essas questões configuram o cenário do surgimento da História das Mulheres, a mulher agora passaria a ser considerada como sujeito e objeto da História.<sup>10</sup>

Um grande ponto que a história das mulheres trouxe para a discussão e análise desde seu surgimento foi a questão da pluralidade existente dentro da condição da mulher, questionando a ideia de um sujeito universal “Revelavam-se múltiplas

---

<sup>9</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria in Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 54.

<sup>10</sup> Idem.

diferenças dentro da diferença [...], embora não se pudesse esquecer as desigualdades e relações de poder entre os sexos.” (SOIHET, PEDRO, 2007, p.287).

No Brasil, as primeiras pesquisas e produções historiográficas que colocaram as mulheres no centro de sua investigação, passaram a acontecer a partir da década de 1970, tendo como principal referência teórica metodológica a história social, os primeiros trabalhos se debruçaram a entender o processo de ingresso das mulheres no mercado de trabalho e as formas de violência sofridas em decorrência desse processo. <sup>11</sup> Uma das pioneiras foi Heleieth Saffioti, que publicou “A mulher na sociedade de classes” em 1969. Nos anos 80 há uma nova leva de produções sobre as mulheres, Rago aponta como esses estudos buscaram dar destaque a atuação das mulheres como sujeitos históricos, e as formas de luta e transformações das condições sociais.<sup>12</sup>

A partir da entrada da História das Mulheres no meio acadêmico, o debate sobre gênero como uma categoria de análise também é trazido à tona, tomando como base esse conceito é possível compreender como se dão as relações de sexos, pois serão vistas como relações sociais. Para Joan Scott deve haver uma correlação entre o movimento feminista e a produção acadêmica sobre gênero, para ela os dois fazem parte de um mesmo projeto político que busca contestar as formas de poder.

Como nos mostra Joana Maria Pedro, o uso do termo “gênero” está diretamente ligado aos movimentos sociais, sendo a palavra utilizada no âmbito das discussões do feminismo de quando se buscava explicações para a subordinação das mulheres.<sup>13</sup>

Ainda de acordo com Scott:

A diferença sexual não é, portanto, a causa original da qual a organização social possa ser derivada em última instância - mas sim uma organização social variada que deve ser, ela própria, explicada. Nesta abordagem a história figura não apenas como o registro das mudanças da organização social dos sexos mas também, de maneira crucial, como participante da produção do saber sobre a diferença sexual. Parto do princípio de que as representações históricas do passado ajudam a construir o gênero no presente. (SCOTT, JOAN, 1994, p. 13)

Sendo assim, como nos mostra Rago, a partir dessa categoria de análise as diferenças sexuais passam a ser colocadas em discussão como construções sociais. Outro ponto que passa a ser colocado em pauta são as relações de gênero enquanto

---

<sup>11</sup> RAGO, Margareth in SILVA, Zélia Lopes. **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: Unesp, 1995. p. 81-91.

<sup>12</sup> Idem

<sup>13</sup> PEDRO, Joana Maria. “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”. In: História, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005. p.79.

relações de poder, para Scott as relações de poder se constroem a partir das relações sociais, que se estruturam a partir das relações entre os sexos, estruturando assim as relações de poder, "Nesse sentido a dominação não se localiza num ponto fixo, num "outro" masculino, mas se constitui nos jogos relacionais e de linguagem."(RAGO, M, 1995, p.88).

Para Joana Maria Pedro, o uso da categoria de análise "gênero" na historiografia tem feito com que haja um movimento de construção da história das relações de gênero.

Pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero [...] têm contribuído para o conhecimento da história das relações de gênero, focalizando a maneira como o gênero se constitui num ponto de apoio para constituições de subjetividades, políticas públicas e relações com a história.<sup>14</sup>

Posto isso, sabemos que os jornais constroem e ressignificam narrativas e a partir deles, temos a possibilidade de conhecer sobre as mulheres e seu cotidiano entre as décadas de 1960 e 1970 em Campina Grande. Por isso, escolha do Diário da Borborema como fonte de pesquisa se dá pela sua relevância enquanto instrumento de comunicação, tendo em vista que o jornal foi criado na cidade de Campina Grande, pelo empresário e político paraibano Assis Chateaubriand, o que nos mostra a vinculação que o Diário da Borborema sempre estabeleceu com os grandes empresários que dominavam o cenário campinense na segunda metade do século XX.

A escolha do Diário da Borborema como fonte para a referida pesquisa se deu por algumas razões: a primeira delas se dá pelo fato de que, por ser um jornal ligado a um grande grupo, sua publicação ocorreu sem interrupções entre os anos selecionados para a realização do estudo. Outro ponto que favoreceu a escolha foi o acervo cedido pelo professor Luciano Mendonça, que possibilitou a realização da pesquisa em um momento de pandemia no qual o acesso aos arquivos físicos se tornou dificultoso. Outra razão para ser considerada para esta escolha era a forma que o jornal se organizava, trazendo notícias locais e internacionais, mas tendo um foco maior em um jornalismo voltado para a cidade de Campina Grande.

---

<sup>14</sup> Idem.

Para a realização da presente pesquisa, foi realizada a leitura e análise de todos os exemplares do Diário da Borborema publicados entre os anos de 1968 e 1971. Buscarei assim fazer uma análise qualitativa desse material recolhido, procurando observar o que aparecia com mais frequência e como o jornal tratava tais assuntos em suas páginas.

Dessa forma, o presente trabalho se propõe a analisar quais foram as representações construídas pelo jornal Diário da Borborema na virada da década de 1960 para 1970, colocando no foco a categoria de análise do gênero, na cidade de Campina Grande.

Assim, tomando como ponto de partida o Diário da Borborema, sabendo que o jornal ocupa uma forte função social, algumas questões passaram a surgir: qual grupo de mulheres era representado nas colunas sociais e qual e qual o grupo representado nas páginas policiais? Qual o padrão de beleza representado como ideal? A classe era um determinante no que diz respeito às mulheres que eram representadas de forma negativa ou positiva?

Desse modo, o presente trabalho pretende questionar essas fontes, buscando entender o discurso que enunciam, assim como o que é omitido em suas páginas, sabendo que toda produção de discurso é interessada.

De acordo com as autoras Cruz e Peixoto (2007), é importante que o historiador compreenda que os materiais produzidos pela imprensa não foram produzidos com intuito de servirem como objetos de pesquisa, para elas, a partir dos jornais podemos compreender como se dá essa forma de linguagem constitutiva do social, sendo um campo rico em narrativas, portanto, um no espaço qual se constituem disputas de narrativas. Desse modo, é importante que se estabeleçam alguns procedimentos teóricos e metodológicos, para que se possa compreender qual a linha editorial que o jornal apresenta.

O presente trabalho se norteará a partir do referencial teórico e metodológico da História Cultural de Roger Chartier. Para o autor, este seria o principal objetivo da mesma: “A história cultural tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre prática e representações. Lisboa/Rio: Difel/Bertrand, 1988. p. 16-17

Outro conceito fundamental no que se refere ao referencial utilizado é o de representação, para Chartier as lutas de representação possuem o mesmo peso que as lutas econômicas quando se realiza o movimento para buscar situar os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social.<sup>16</sup>

Portanto, em linhas gerais, a História Cultural poderia ser definida como uma proposta que busca “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2007, p.22).

Ainda dentro do conceito de representação, Chartier nos apresenta o que “concebe como duas famílias de sentido” caracterizando-as como contraditórias, a primeira delas “faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é”. A segunda delas “a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”.<sup>17</sup>

A partir do conceito de representação podemos compreender a noção de um passado representado, e é isto que o jornal faz, este constrói sua versão da realidade que é impressa em suas páginas. Assim, o presente trabalho busca entender como o Diário da Borborema construiu uma representação da realidade da sociedade campinense, como o discurso sobre as mulheres circulava nesse cenário, sendo construído como verdade por diferentes grupos.

Dessa forma, o campo da história cultural procura construir representações sobre representações que já foram propostas. Ou seja, o historiador irá conceber uma narrativa entre as diversas possibilidades, partindo da concepção que sua versão nunca será a única ou a verdade absoluta.

---

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação in: Estudos Avançados. 11(5), 1991. p.



## CAPÍTULO 2

### 2.1 - A Rainha da Borborema é palco para as Rainhas dos *lares* e dos *bares*: das mulheres imaculadas à mundanas

Quando pensamos no jornal enquanto meio de comunicação sabemos que ali em suas páginas iremos encontrar uma diversidade de vozes e informações que buscam se comunicar com o leitor por meio das mais diferentes abordagens.

Quando o leitor da virada da década de 1960 para da 1970 folheava suas páginas tinha contato com notícias de âmbito internacional, nacional e de sua cidade, mas também poderia ler o horóscopo do dia, ou ver a programação do cinema e dos próximos eventos sociais, assim como também poderia se inteirar das novidades da moda, do futebol ou e se chocar com os fatos da coluna policial.

O Diário da Borborema, criado em outubro de 1957, era uma das publicações que fazia parte do conglomerado dos Diários Associados, tendo como fundador o paraibano Assis Chateaubriand, sendo um dos poucos periódicos impressos que circulava na cidade. Portanto, a publicação pertencia a uma elite instruída que construía uma representação de Campina Grande a partir de um ideal de modernidade que não incluía a todos.

A narrativa que a imprensa constrói não pode ser considerada um reflexo exato do que acontece na sociedade campinense daquele contexto, na verdade o que temos são representações dessa referida realidade, pois o jornal passa por uma construção e seleção cuidadosa dos fatos e atores ali relatados.

Sendo assim, no referido período, os jornais assumem um papel essencial para a veiculação não somente de notícias, mas difundem também em suas páginas, representações sobre a figura feminina a partir da noção de uma imagem do “ideal”, mas como se daria essa construção?

Em um artigo, Joana Maria Pedro faz observa a importância de se realizar uma análise do modo como os contextos político e histórico podem influenciar e criar noções sobre os moldes relativos ao gênero, mas que esses não necessariamente refletem a realidade.

Além disso, é preciso perceber em quais contextos políticos os significados da diferença sexual são criados e/ou criticados e, então, verificar como, por exemplo, o “verdadeiro homem” ou a “verdadeira mulher” são diferentes em cada período do passado, procurando sempre se diferenciar um do outro, e ao mesmo tempo nunca coincidindo com as pessoas de “carne e osso”. (PEDRO, 2005, p.87)

Após observar as páginas do Diário da Borborema algo me chamou atenção, a figura da mulher aparece representada recorrentemente em duas páginas: na coluna social e nas páginas policiais. Havia uma clara oposição no que concerne ao lugar no qual essas mulheres ocupavam no corpo social, e isto era algo bastante evidenciado no olhar crítico que o jornal tinha em relação às mulheres tidas como “mundanas”.

Os artigos de denúncia contra as mundanas eram recorrentes no cotidiano do **DB**, em uma matéria datada de março do ano de 1969 temos o seguinte relato por parte do jornalista, esse sendo acompanhado de uma foto de vinte mulheres detidas que foram a principal chamada da página policial daquele dia.

Nada menos que vinte *horizontais* foram prêsas na noite de ontem por agentes da delegacia de Vigilância Geral e Costumes, que estavam *batendo calçadas* às primeiras horas da noite, ou *promovendo cenas de amor livre nas ruas centrais da cidade*, não atentando para a moral das famílias que ainda se locomoviam nas artérias do centro. [Grifos meus]<sup>18</sup>

**Figura 1**



**Fonte:** Diário da Borborema, 2 de março de 1969.

<sup>18</sup> Diário da Borborema. 2 de março de 1969, n°3715, p.5.

Como podemos observar, as autoridades campinenses do final da década de 1960 já travavam uma guerra declarada contra as consideradas “horizontais”, seus atos tidos como libidinosos praticados pelas ruas centrais da cidade eram totalmente condenáveis, não condiziam com a imagem que Campina Grande desejava projetar. Nas artérias do centro deveriam circular apenas quem se encaixava dentro das normas da moral estabelecidas, e as “batedoras de calçada” não pertenciam aqueles espaços.

Essa guerra declarada contra os comportamentos tidos como desviantes se torna tema de várias matérias “A guerra contra as *mundanas*, que foi decretada pelas autoridades da DVC continua na ativa, na noite de ontem mais quatro foram prêsas, quando perambulavam na praça da Bandeira”<sup>19</sup> [Grifos meus] O Diário da Borborema segue mostrando em suas páginas o empenho das autoridades na declarada guerra, destacando como as “inimigas” eram alvo de era constante vigilância: “Diminui o número de mundanas perambulando nas ruas centrais da cidade, depois da guerra que foi decretada pelo Major Marcílio. No entanto, os policiais estão de olho aberto e não permitirão qualquer abuso”<sup>20</sup>.

Como aponta Fábio Gutemberg<sup>21</sup>, a fronteira que delimitava as “mulheres da casa” e as “mulheres da rua” no meio popular era bastante tênue, tendo em vista que seu cotidiano se organiza de forma diferente das mulheres da elite, sua realidade social exigia que elas circulassem nas ruas. O processo de inserção da figura feminina no meio urbano não deixa de lado os olhares vigilantes sobre elas, que julgam suas ações e buscam encaixá-las dentro do padrão da mulher direita.

---

<sup>19</sup> Diário da Borborema. 23 de março de 1968, n°3731, p.5.

<sup>20</sup> Diário da Borborema. 9 de abril de 1969, n°3744, p.5

<sup>21</sup> SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. Na casa e... na rua: : cartografias das mulheres na cidade (Campina Grande, 1930-1945). Cadernos Pagu, Campinas, v. 24, jun. 2005.

**Figura 2**



**Fonte:** Diário da Borborema, 23 de março de 1968.

**Figura 3**



**Fonte:** Diário da Borborema, 9 de abril de 1969

Como podemos ver, existia um esforço por parte das autoridades para realizar uma espécie de higienização dos espaços públicos da cidade. Essa tentativa não era algo recente, ainda na década de 1950 o legislativo municipal passou a empreender esforços buscando afastar dos espaços centrais da cidade as chamadas zonas de

meretrício.<sup>22</sup> O que nos faz pensar que existiam sim espaços determinados para a prática da prostituição, mas estes não condiziam com o que se projetava para circular nas artérias centrais da cidade.

Segundo o discurso das elites, a anormalidade das mulheres de vida fácil justificou-se na medida em que "agride" a integridade do núcleo familiar e a estabilidade dos valores, expondo com clareza os perigos do ethos feminino se deixado sem controle. (ARAÚJO, 2010, p. 96)<sup>23</sup>

Essas denúncias tinham uma intenção clara, servir de alerta para um comportamento e uma forma de vida que não deveria ser seguida, e para isso, o jornal fazia uma exposição quase que diária das “mundanas”, era uma forma de colocá-las em situação vexatória, as mulheres ali representadas estavam em sua maioria com vestes simples, envergonhadas na forma de se posicionarem para as fotos, muitas vezes suas expressões pareciam assustadas, o que nos leva a observar que o jornal as retratam como o oposto do que era considerado belo. As páginas policiais serviam como uma espécie de aviso.

As imagens de algumas mulheres eram exploradas exaustivamente, dada a recorrência que eram levadas ao “buque”, o discurso que predominava entre os jornalistas era o de que as mesmas não obedeciam aos conselhos que escutavam das autoridades, sendo sempre representadas como figuras que causavam desordens, dadas como “causas perdidas”. No caso de Judite Barbosa, o jornal a apresenta pela alcunha de “lampeão”, fazendo uma relação entre seus crimes e o famoso cangaceiro, mostrando que a mesma teria até mesmo um bando, como a figura que o jornal usa de inspiração. Seu apelido não é um tratamento carinhoso, mas sim uma forma de representa-la negativamente, masculinizando sua imagem.

“LAMPEÃO”- A mundana Judite Barbosa, mais conhecida no submundo do crime pelo vulgo “Lampeão”, que estava detida na Delegacia de Costumes e foi posta em liberdade, ontem, prometeu ao Major Marcílio que não seria mais presa pois iria ter cuidado com a vida. Segundo nos informou o investigador Antonio Miguel, chefe da Secção de Costumes, esta mulher é a que tem mais entradas na polícia de Campina Grande e tem sido sempre uma preocupação para os agentes da DVC, que tem sofrido o “diabo”, pois Lampeão, anda sempre acompanhada de um bando de cangaceiras e sempre reage à voz de prisão. Espera a polícia que Judite cumpra a palavra e deixe de dar trabalho<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> ARAÚJO, Silvera Vieira de. Dispensando o feioso: a construção da higiene estética em Campina Grande (1930-1960). 2010.

<sup>23</sup> Idem

<sup>24</sup> Diário da Borborema, 8 de junho de 1969, n°3791,p. 9

Figura 4



Fonte: Diário da Borborema, 8 de junho de 1969.

Em uma das publicações do Diário da Borborema, o jornal dedica uma coluna para tratar do “tipo humano das prostitutas”, o colunista Jeziel Cordeiro de Falcão faz uma análise que considera como degradação do corpo e da alma, construindo uma narrativa sobre uma espécie de prostituição interior e exterior do homem, questionando se haveria um mundo melhor com a extinção das prostitutas e prostíbulos. E para ilustrar a coluna, fotos de algumas mulheres com comportamentos que poderiam ser interpretados como “imorais”. Seu discurso ia de encontro com os dos homens, em sua maioria, que produziam o jornal e representavam essas mulheres na condição de um mal que poderia ser eliminado.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Diário da Borborema, 29 de janeiro de 1971, n° 4275, p.3

Figura 5



Fonte: Diário da Borborema, 29 de janeiro de 1971

Os crimes relacionados às “mundanas” retratados nas páginas policiais em alguns casos não se limitavam a prática de “trottoir”<sup>26</sup>, os jornalistas também mostravam casos de crimes passionais cometidos por essas mulheres, haviam alguns casos de agressões, facadas ou tentativas de assassinato, todos coincidentemente aconteciam sempre na área determinada para a prostituição na cidade a “zona do baixo meretrício”. Os relatos apresentados pelos escritores colocavam o ciúme como motivador desses crimes, a criminosa era posta como uma mulher dominada por seus sentimentos. A narrativa que o jornal construía para fazer o relato do crime se assemelhava em alguns casos a um roteiro novelístico.

Encontra-se trancafiada no xadrez da delegacia de Vigilância Geral e Costumes, a mundana Cícera Rodrigues da Silva de 28 anos [...] A meretriz foi presa pelo policial Ribeiro depois de ter esfaqueado seu amante [...].

Ciúmes: os dois vivem maritalmente e só agora o ciúmes está para destruir o amor que unia o casal. Assim sendo, até o dia de anteontem o casal estava brigado, pois Cícera flagrou Severino com outra amante e por isso brigaram. Para matar a raiva a amante dirigiu-se à “boite de Cosma” [...] e aí iniciou uma farra ingerindo uma boa quantidade de “cachaça”. Quando já estava embriagada chega ao local Severino que ao se perceber da situação da amante revoltou-se e a espancou com murros e empurrões.

<sup>26</sup> Palavra em francês que significa “calçada”, que os jornais remetiam a prática da prostituição nas ruas.



Vingou-se: Depois de ser espancada, Cícera jurou vingança e retirou-se para sua residência. Armou-se com uma faca peixeira e, retornando, à noite aproveitando-se de um momento de descuido do amante e desferiu um violento golpe [...]<sup>27</sup>

Figura 6



Fonte: Diário da Borborema, 22 de janeiro de 1969.

Os “maus exemplos” femininos que apareciam nas páginas do Diário da Borborema não ficavam restritos apenas às “horizontais”, outra preocupação recorrente das autoridades eram os pequenos furtos que empregadas domésticas cometiam contra suas patroas. O jornal as representava como aproveitadoras da bondade de suas empregadoras, pois essas se compadeceriam da situação dessas pobres mulheres ao lhe oferecerem empregos em suas casas. Entretanto, um ponto que não sabemos, e que as matérias não abordam, era o da verdadeira realidade das condições de trabalho sob a qual essas mulheres estavam submetidas.

A empregada doméstica Irary Alexandre Gomes, 18 anos, solteira, residente em Galante, encontra-se trancafiada no xadrez especial de mulheres, pois por volta das 12:30 horas de anteontem, Irary chegou a residência da senhora Noanita Dantas Paliot, localizada na rua 4 de outubro, pedindo emprego. Compadecida com a situação da “pobre”, Dra Noanita a aceitou como doméstica, tendo aceitado de imediato o emprego.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Diário da Borborema, 22 de janeiro de 1969, n°3681, p.5

<sup>28</sup> Diário da Borborema, 23 de novembro de 1968, n°3631, p.5



Figura 7



Fonte: Diário da Borborema, 22 de janeiro de 1969.

## 2.2 -Tudo branco no preto: representações de mulheres pobres e negras nas páginas do Diário da Borborema.

Ao pensarmos na representação das mulheres negras nas páginas no Diário da Borborema, devemos partir do princípio que estas tiveram uma vivência completamente diferenciada das mulheres brancas, e isto influenciou diretamente na construção de suas identidades e na forma em que elas serão representadas no jornal.

O violento processo de escravização, destas que foram retiradas de seu continente de origem, coloca as mulheres negras escravizadas em um duplo processo de exploração, sendo vítimas de abusos sexuais frequentes e repressões devido a sua condição de mulher. Como lembra Davis, os marcadores de gênero eram utilizados em favorecimento dos lucros dos senhores, que os colocavam em questão apenas quando lhes era conveniente. <sup>29</sup>

No Brasil, de acordo com Lélia Gonzalez, a discriminação de sexo e raça tornam as mulheres negras o segmento mais explorado da sociedade, tendo em vista que: “O racismo, enquanto construção ideológica e um conjunto de práticas, passou

<sup>29</sup> DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016. p.

por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses.”<sup>30</sup>

A violência do racismo contra a mulher negra também se desenvolve de formas simbólicas, e o mito da democracia racial fortalece essas violências. Assim, ainda de acordo com Lélia, esse sistema simbólico fortalece o lugar da mulher negra como um lugar de inferioridade e pobreza a partir de uma concepção étnica e racial. E é a partir dessa lógica que o corpo da mulher negra, passa a ser entendido como um objeto sexual<sup>31</sup>.

Assim, a partir dessas questões, podemos refletir sobre como o Diário da Borborema se insere dentro de uma perspectiva que constrói representações que colaboram com a naturalização do racismo e do sexismo em suas páginas. Como Sueli Carneiro aponta, sobre a influência dos meios de comunicação na construção das identidades das mulheres negras:

Meios de comunicação vêm se constituindo em um espaço de interferência e agendamento de políticas do movimento de mulheres negras [...] a mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo [...] os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstruem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra.<sup>32</sup>

Tomando como ponto de vista os apontamentos da autora, podemos compreender como os meios de comunicação ocupam um papel central como divulgadores das representações construídas sobre as mulheres negras. Devemos pensar que a visão construída sobre essas mulheres está sustentada em uma série de opressões que desvalorizam a construção de sua identidade. Sendo assim, podemos notar o interesse dos que controlam os meios de comunicação em reproduzir essas imagens estereotipadas e racistas.

Quando partimos do conceito de racismo estrutural, entendemos que o racismo constitui as relações sociais dentro do seu padrão de normalidade, o que significa dizer que ele não deve ser considerado uma patologia. De acordo com Silvio Almeida,

---

<sup>30</sup> GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo latino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 170

<sup>31</sup> Idem, p.150.

<sup>32</sup> CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p. 125, 2003.

o racismo integra a organização econômica e política da sociedade. Para o autor, o racismo é estrutural, portanto, é uma consequência do próprio modo como a sociedade se estrutura, o que faz com que os comportamentos individuais e processos sejam resultado de uma organização social na qual o racismo é a regra.<sup>33</sup>

O que nos ajuda a compreender sobre os instrumentos que o racismo faz uso para poder se perpetuar, tendo em vista que além de ser um processo político e histórico, também constrói subjetividades dos indivíduos a partir dele.

Isso posto, podemos entender como o racismo de forma subjetiva faz com a desigualdade seja validada enquanto condição natural das minorias, o que fortalece o discurso que responsabiliza o indivíduo pelo seu fracasso dentro de um cenário que não o favorece.

O racismo faz com que a pobreza seja ideologicamente incorporada quase que como uma condição “biológica” de negros e indígenas, naturalizando a inserção no mercado de trabalho de grande parte das pessoas identificadas com estes grupos sociais com salários menores e condições de trabalho precárias.<sup>34</sup>

Assim, Silvio Almeida nos mostra como racismo legitima desigualdades do sistema capitalista, fazendo com que a pobreza seja algo que passa a ser considerado quase como uma condição biológica para as pessoas negras. E esse processo não ocorre de forma espontânea, os meios de comunicação atuam como fomentadores e divulgadores dessa noção naturalizada de desigualdade.

### **2.3 -“Pretas, pobres, putas e macumbeiras”: O jornal e a linguagem social reproduzindo preconceitos de gênero, de raça, de condição social e de crença religiosa**

A partir destas colocações, ao fazermos a análise do Diário da Borborema nos deparamos com poucas figuras de mulheres negras em destaque nas páginas do jornal, e essas quando apareciam, poucas vezes tinham suas imagens relacionadas a notícias de narrativas positivas. Não encontramos mulheres negras em destaque nas colunas sociais, nas referenciais de moda, ou ocupando cargos políticos. As notícias que acompanhavam suas imagens tendiam a ser carregadas de um discurso que as culpabiliza por sua situação de pobreza, como é o caso de Dona Maria Matias que estampa a capa do jornal em setembro de 1970 com a seguinte chamada:

---

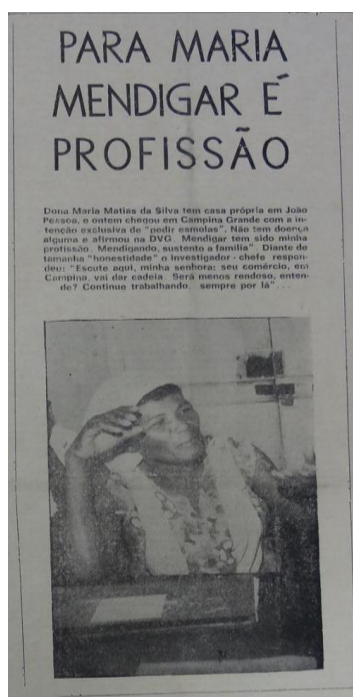
<sup>33</sup> ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. p.34.

<sup>34</sup> Idem, p.105, 106.

*PARA MARIA, MENDIGAR É PROFISSÃO*: Dona Maria Matias da Silva tem casa própria em João Pessoa, e ontem chegou em Campina Grande com a intenção exclusiva de “pedir esmolas”. Não tem doença alguma e afirmou na DVG: “Mendigar tem sido minha profissão. Mendigando sustento a família”. Diante da tamanha “honestidade” o investigador - chefe respondeu: *Escute aqui minha senhora, seu comércio em Campina vai dar cadeia, será menos rendoso, entende? Continue trabalhando, sempre por lá*...<sup>35</sup> [Grifos meus]

Junto à chamada descrita acima o jornal traz sua foto, uma mulher de vestes simples, que não faz pose para o retrato. Diferentemente das colunas sociais, a representação de Maria Matias não prestigia suas qualidades, beleza ou suas atribuições sociais, mas sim expõe sua condição de vida, a culpabilizando. A construção da matéria se dá de forma que desvaloriza sua existência. Mais uma vez vemos o interesse das autoridades na busca pela higienização da cidade.

**Figura 8**



**Fonte:** Diário da Borborema, 29 de setembro de 1970

Ainda dentro desse recorte da mulher negra sendo retratada a partir de uma condição de pobreza, o DB apresenta a seguinte chamada em 1971:

Dona Luiza, que já tem 22 filhos, teve ontem uma surpresa ao abrir a porta: ao abrir a porta do seu barraco encontrou uma criança que alguém recém abandonou. A reação de D. Luiza foi a mesma das pessoas de bom coração: sorrindo, abraçou o recém nascido, dizendo que mesmo na pobreza, iria criá-lo com a mesma dedicação que tem pelos seus 22 filhos. Maria Luiza, também conhecida como “Maria Timbú”, mora na cachoeira<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> Diário da Borborema, 29 de setembro de 1970, n°4187, p.1.

<sup>36</sup> Diário da Borborema, 23 de outubro de 1971, n°4487, p.3.

Dessa vez, não vemos nosso personagem ocupando as páginas policiais, e isto se dá pelo seu ato de benevolência. O jornal destaca a quantidade de filhos e a localização de sua moradia, ressaltando sua condição social. O retrato que acompanha a matéria mostra Luiza, com os pés descalços, no chão de terra, com roupas que não se assemelham muito com as que aparecem nas tendências de moda que o jornal trazia. O apelido de “Maria Timbú” não era por acaso, o animal pelo qual era apelidada, é também uma espécie de gambá, comumente associado ao mau cheiro, a falta de higiene. Essa alcunha era comum no jornal da época para se referir às mulheres negras, o que nos mostra como a linguagem era usada com um instrumento do racismo.

**Figura 9**



**Fonte:** Diário da Borborema, 23 de outubro de 1971

Aqui, escolhi destacar uma matéria também datada do mês de outubro de 1970, esta da página policial, com a seguinte chamada: “Magia negra na morte de carapuceiro”. O texto apresenta aos leitores um possível desfecho para um assassinato cometido alguns dias antes que até então a polícia não tinha encontrado culpados, a reportagem apresenta uma nova suspeita que é trazida a cena após suspeitas do próprio irmão da vítima, este acredita que seu familiar tenha sido morto durante um suposto ritual de “magia negra” que teria sido realizado por uma mulher conhecida como “Maria Timbú”.

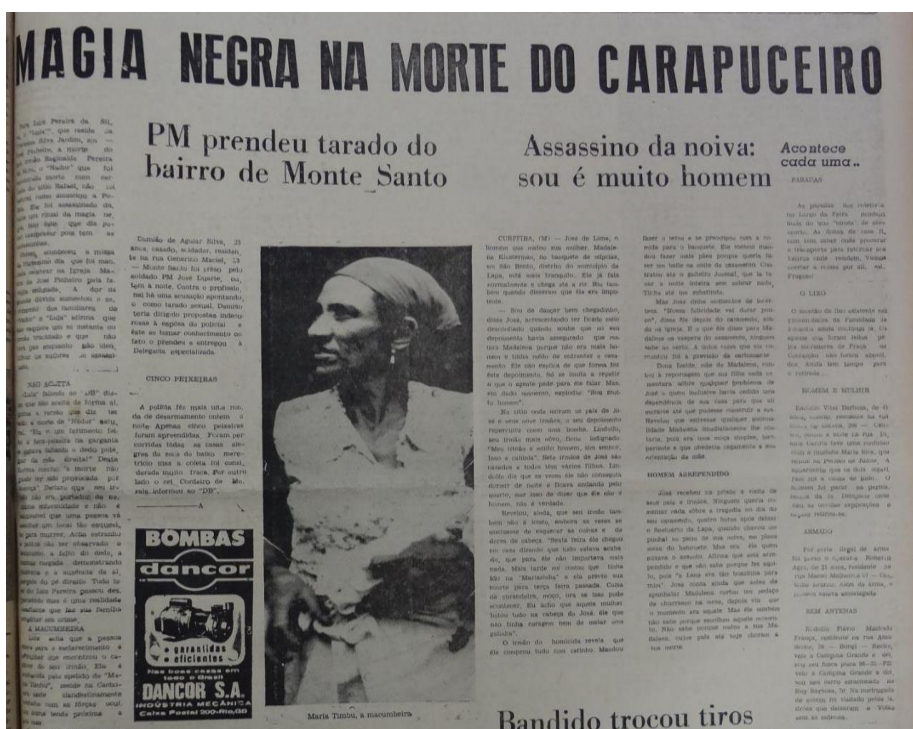
## A MACUMBEIRA

Luiz acha que a pessoa chave para o esclarecimento é a mulher que encontrou o cadáver do seu irmão. *Ela é conhecida pelo apelido de “Maria Timbú”, reside na Cachoeira, onde clandestinamente trabalha com forças ocultas numa tenda próxima a casa.*

*Contou ao DB que a macumbeira sabia onde “Nador” estava estava morto pois viu quando o mataram, pois foi quem aparou seu sangue no chapéu e mandou cortar o dedo para fazer um catimbó.* Depois de Reginaldo ser sacrificado ocultou o cadáver por alguns dias e depois mandou “Zefinha” contar a família que o tinha encontrado e apareceu como inocente à Polícia.<sup>37</sup> [Grifos meus]

É sintomático termos essa notícia que aborda de forma negativa práticas com as quais o jornal faz ligação direta com as religiões de matriz africana, estas tendo uma mulher negra como praticante, desqualificando sua religião e sua identidade. A forma que o texto é construído quando discorre sobre o relato do que supostamente teria ocorrido em um “rito de magia negra” está envolto em um arcabouço de racismo religioso. Em momento nenhum “Maria Timbú”, mais uma vez vemos esse apelido sendo repetido, tem voz nesse relato, a narrativa é construída sobre sua figura, é a foto dela que estampa a página do jornal, mas a mesma não merece ser ouvida, o juízo final do jornal já foi feito ali.

Figura 10



Fonte: Diário da Borborema, 24 de outubro de 1971

<sup>37</sup> Diário da Borborema, 24 de outubro de 1971, n° 4487, p.5

As narrativas construídas pelos jornais operam de forma tendenciosa, o discurso construído em suas páginas tem intencionalidades políticas, que buscam estabelecer dispositivos de controle. Dessa forma, o Diário da Borborema constrói em suas páginas um discurso que fortalece os estigmas sociais construídos por uma elite dominante que demarca através de seu discurso práticas educativas.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 - As mulheres das colunas sociais no jornal Diário da Borborema: “Bela, recatada e do lar”

Ao fazer leitura da coluna social do Diário do Borborema logo fica claro quem eram as pessoas escolhidas a dedo para estampar aquelas páginas que se dedicavam a mostrar e exaltar a “nata” da elite campinense. As mulheres que apareciam ali ocupavam um espaço social bastante distinto das que protagonizavam as páginas policiais, e a forma que o jornal as representava corrobora com o ponto de vista de que havia uma clara oposição entre o discurso construído sobre as “mulheres direitas” e as “mulheres mundanas”.

A coluna social não está ali por acaso, existe um fascínio em torno de ter o seu nome ou foto impressos ali, significa um sinônimo de visibilidade, reconhecimento dentro da sociedade local<sup>38</sup>. De acordo com Iluska Coutinho, seria uma forma de “ampliar as aspirações narcisistas de ver sua imagem refletida em dada superfície”<sup>39</sup>.

Iluska ainda aponta que esse gênero de jornalismo, que dedica suas páginas a essa espécie de promoção da imagem tem seus primeiros registros no Brasil na cidade do Rio de Janeiro, tendo suas primeiras publicações na década de 1950 no Diário Carioca e no jornal “O Globo”. Essas colunas que voltam sua atenção puramente aos fatos da alta sociedade, rapidamente se espalham pelo país, e chegam até cidades interioranas como Campina Grande.<sup>40</sup>

A partir dessa noção do jornal sendo utilizado como um veículo da promoção da imagem pública daqueles que estampam suas páginas, Iluska também discute sobre quem seria o público alvo das colunas sociais, trazendo para a discussão o conceito de *high-society*, os integrantes desse restrito grupo social seriam os que buscam o reconhecimento de seus semelhantes a partir de notinhas ou fotos publicadas.<sup>41</sup> Mas, como aponta Iluska, o fascínio gerado pelas colunas também atrai os olhares dos que pertencem às classes sociais menos abastadas.

Partindo dessas considerações, podemos então observar o espaço que a coluna social detinha dentro do Diário da Borborema. Podemos então destacar algumas mudanças que esta passa no período pesquisado, e uma das mais notáveis

---

<sup>38</sup> COUTINHO, Iluska. *Colunismo e Poder: representação nas páginas de Jornal*, 2007. p. 13. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/coutinho-iluska-colunismo-poder.pdf>.

<sup>39</sup> Idem, p.18.

<sup>40</sup> Idem, p.21

<sup>41</sup> Idem, p.20.



é a substituição de quem a escreve, no início de 1968 a referida coluna ainda era intitulada de “Gladys informa”, este se referindo a quem a produzia. O espaço da página era dividido com o Horóscopo, anúncios de eletrodomésticos, de programas de televisão e rádio, ainda podendo trazer algumas notícias de cunho jornalístico ou mostrar o que estava em alta nos cinemas ou na moda, e é importante destacar que essa forma de organização não é algo constante. A colunista se dedicava a apresentar os eventos sociais, os casamentos, os aniversários, as debutantes, os nascimentos e os concursos de beleza que ocorriam na cidade.

Em setembro do mesmo ano, quem passa a encabeçar a coluna é Graziela Emerenciano de Melo, esta posteriormente se mostra diretamente ligada aos governantes da cidade, agora a coluna passa a se chamar “Graziela, Fatos & notícias”. Além da mudança de nome, também passa por mudanças editoriais, agora a autora também irá trazer algumas notícias de cunho político, sem deixar de lado o que já era apresentado originalmente.

Assim, fica claro que o jornal delimita lugares diferentes para as “mulheres da sociedade” e para as “mundanas”. A representação da imagem das primeiras ocupa um lugar de um certo cuidado dentro das páginas do Diário da Borborema, enquanto as segundas são colocadas no espaço da violência das páginas policiais, e a mensagem que o jornal passa ao fazer isso se mostra pedagógica: não siga o exemplo dessas mulheres “desviadas”!

Desse modo, podemos observar a figura feminina era sempre relacionada a alguns eventos frequentes, podendo aparecer como as esposas que acompanhavam seus maridos “figurões” em eventos sociais ou viagens, como as jovens debutantes que realizavam bailes para comemorar a nova idade, como concorrentes dos diversos concurso de beleza que aconteciam nos clubes privados da cidade, esses tendo sempre um grande destaque, ou como recém casadas recebendo felicitações pelo enlace.

Algumas mulheres recebiam um destaque especial no chamado “Foto em foco”, neste quadro da coluna a jornalista se dedicava a produzir um perfil sobre essas damas da sociedade, e para isso trazia algumas perguntas e respostas que revelam muito sobre alguns pensamentos predominantes da elite campinense da época.

*A focalizada de hoje, é a sra. Melinha Pereira Barros, espôsa dedicada do médico José Aurino, muito bonita e de muita sensibilidade, mãe carinhosa de dois filhos, Andréa e Alexandre, descende de família tradicional portuguesa. Eis suas perguntas as minhas respostas:*

P - Melinha, você se sente realizada?  
 R - *Para considerar-me realizada resta apenas concluir a educação dos meus filhos*  
 P - O que acha do casamento?  
 R - O casamento com amor, com afinidade é esplêndido, é o estado mais deslumbrante da vida de uma mulher, nele realizando suas maiores aspirações. Para uma estabilidade é necessário saber dar, respeitar e tolerar. *Creai-me, considero uma das maravilhas da vida.*<sup>42</sup> [Grifos meus]

**Figura 11**



**Fonte:** Diário da Borborema, 12 de agosto de 1969.

Nesse trecho destacado do “Foto em foco” é possível distinguir as significativas diferenças no discurso do jornal sobre as mulheres que eram entrevistadas e nas que apareciam algumas páginas antes nas páginas policiais. Um destaque interessante a ser feito é a forma que elas são caracterizadas, Melinha aqui é colocada como “esposa dedicada, muito bonita e de muita sensibilidade, mãe carinhosa de dois filhos”, o que expõe quais eram as qualidades que seguiam sendo mais valorizadas dentro desse contexto. Outro ponto a ser observado é o direito a voz que as mesmas podiam ter, diferentemente das “mundanas” que apenas tinham suas imagens expostas à opinião pública sem que pudessem ter nenhum direito de defesa.

Essa imagem da mãe como um sinônimo de pureza e sensibilidade era algo que Diário da Borborema reforçava, não só em sua coluna social, mas também nas homenagens dos dia das mães.

Pureza e amor: [...] Deus fez as rosas e as mães. Aí temos a mãe dentro de uma rosa. O sacrifício e a pureza, sim, porque hoje é o DIA DAS MÃES, somente uma rosa, com sua fragrância e o seu deslumbramento, poderia areolar a imagem deste ser que “padece no paraíso” que “tem um mundo e não tem nada. A rosa despetala-se sem dividir o seu perfume. A mãe

<sup>42</sup> Diário da Borborema, 12 de agosto de 1969, n°3674, p.7



**Figura 13**



**Fonte:** Diário da Borborema, 10 de maio de 1970

A partir desse referido contexto, os casamentos eram destacados como importantes acontecimentos sociais, o discurso do jornal em torno desses eventos reforçava de forma positiva as imagens do enlace, e conseqüentemente, a imagem da família patriarcal tradicional. As colunas relacionadas à moda, que saíam junto da social, traziam as novidades do mundo das noivas no que diz respeito aos vestidos de casamento.

Contraíram núpcias, dia 5, na Igreja São João Batista, no distrito de Galante, deste município, os noivos Severino Ferreira de Menezes e a linda Maria do Céu Menezes, *de tradicionais famílias daquela próspera Vila Campinense*. [...] O noivo [...] é um dos altos funcionários do distrito federal. [...] Confetes dourados para ambos e que sejam muito felizes na vida nova que se inicia.<sup>46</sup> [Grifos meus]

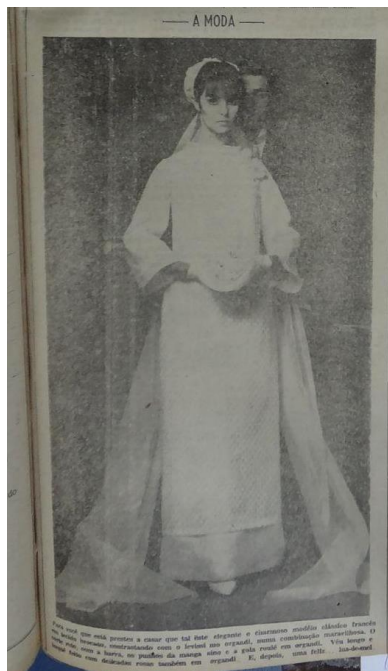
<sup>46</sup> Diário da Borborema, 7 de janeiro de 1971, n° \_\_, p.7.

**Figura 14**



**Fonte:** Diário da Borborema, janeiro de 1971

**Figura 15**



**Fonte:** Diário da Borborema, fevereiro de 1968

As damas da sociedade pouquíssimas vezes eram destacadas por suas profissões, estavam sempre relacionadas aos seus maridos e as funções que os mesmos exerciam na sociedade campinense, sendo quase sempre apresentadas como Sra “alguma coisa”, e em seguida colocava-se qual a ocupação do marido: “O

charme da sra. deputado Álvaro Gaudêncio (Ana Lúcia), que mudou a idade terça feira”<sup>47</sup>. A colunista não as destacava enquanto seres atuantes na sociedade, mas sim por suas características físicas, as remetiam a meros objetos de decoração.

Dentro desse cenário, os clubes privados, reservados ao lazer da mesma elite que estampava a coluna social, como o Rotary Clube, AABB, Clube dos Caçadores, GREESE e o Lions Clube, recebiam um grande destaque, por promoverem uma série de eventos sociais, sendo alguns deles concursos de beleza.

O acontecimento desses diversos concursos mobilizava o jornal como um todo, pois não eram noticiados apenas nas colunas sociais. O grupo nacional dos Diários Associados, no qual o Diário da Borborema estava inserido tinha prioridade para promover os concursos de beleza em que tinha proporção de âmbito nacional. No período pesquisado a coluna noticiou variados concursos: “Brôto do ano”, “Miss “Miss Paraíba, “Rainha das Piscinas”, “Rainha do Carnaval, “Miss Bancária” e o “Miss Objetiva”, apesar de se diferenciam em alguns aspectos todos partiam do mesmo objetivo: escolher qual cumpria com todos os requisitos propostos, e a beleza, claro, era um deles. Mas qual era o ideal de beleza valorizado nas páginas do jornal?

Como aponta Vigarello (2006), os concursos de beleza têm sua explosão no período entreguerras, os primeiros com o Miss América acontecem em 1921, após ele noticia-se o Missa França 1928, Miss Europa em 1929 e Miss Universo em 1930. O termo “Miss” é oficializado, divulgado em grande escala. A partir desse processo as concorrentes desses concursos passam a ser exibidas, suas medidas corporais são divulgadas como dentro do ideal, medidas que passam a ser progressivamente inalcançáveis.<sup>48</sup>

Assim, Diário da Borborema trazia fotos das diversas concorrentes entre dias que antecedia os concursos, que geralmente aconteciam nos clubes privados, sendo noticiados como grandes acontecimentos. Os espaços escolhidos para a publicação das fotos das candidatas eram geralmente a capa do jornal ou na coluna social, os textos que acompanhavam as imagens buscavam exaltar sua beleza e forma física.

---

<sup>47</sup> Diário da Borborema, 21 de novembro de 1971, n° 4509, p.7

<sup>48</sup> VIGARELLO, Georges. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

**Figura 16**



**Figura 17**



**Figura 18**



**Fonte:** Diário da Borborema, janeiro de 1971.

Algumas das concorrentes ao título “Rainha das Piscinas 1971”



O perfil das candidatas representado em muito se assemelhava, eram jovens, em sua maioria brancas, possuíam longos cabelos quase sempre lisos, e praticamente todas as fotos trajavam roupas de banhos. Havia um padrão estético a ser seguido entre as concorrentes, e o jornal mostrava quais deveriam ser as “medidas ideais”:

Nara Rubia Monteiro Vieira, Miss Goiás 1970 e terceira colocada no concurso no concurso Miss Brasil [...] Suas medidas são consideradas ideais: tem 1,71 cents. de altura, 84 cms de busto, 94 cms de quadris, 61 cms de cintura, 54 cms de coxa e 23 cms de tornozelo.<sup>49</sup>

**Figura 19**



**Fonte:** Diário da Borborema, 20 de março de 1971.

Como nos lembra Sant'Anna, os padrões de beleza propagados pela cultura de massa eram consumidos por uma classe média urbana, composta por mulheres, jovens, homens, que ao verem as imagens representadas nas páginas dos jornais desejavam se identificar naquelas imagens “estes sujeitos que buscavam e encontravam na beleza um atestado de sucesso social, de vitória diante do antiquado, do passado e consagravam o novo como troféu de uma vida realizada”<sup>50</sup>

<sup>49</sup> Diário da Borborema, 20 de março de 1971, n°4311, p.1.

<sup>50</sup> SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Concurso de Beleza: discursos e sujeitos**. III Colóquio Nacional de Moda.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No decorrer desta pesquisa busquei compreender e construir uma discussão sobre algumas representações do feminino presentes do Diário da Borborema entre os anos de 1968 a 1971. Pude então notar, que o jornal ao longo de suas páginas nos referidos anos, trouxe um discurso sobre a figura do ideal embebido sobre uma noção de moral que deveria ser seguida, a qual se projetava sobre a mulheres campinenses.

Assim, Cidade de Campina deveria exteriorizar uma noção de limpeza e bons costumes, e não eram todas as mulheres que se encaixavam dentro desse referido padrão de prosperidade que o jornal tentava mostrar em suas páginas. Esta pesquisa mostra como as mulheres que existem fora do jogo social manifestam sua resistência apenas por existir enquanto mulheres pobres, pretas ou “mundanas”.

A partir do referido trabalho, é possível compreender a influência do discurso do jornal no jogo político e vice versa, tendo em vista que há uma troca clara de interesses que busca favorecer os pontos de vistas e a representações daqueles que estão em uma classe mais privilegiada da sociedade, a coluna social mostra isso. Mas, ao mesmo tempo, pude perceber como a mulher também era silenciada nesse espaço, sua identidade não era valorizada.

E tendo em vista essa questão, foi possível entender o padrão de beleza valorizado no referido jornal a partir dos discursos construídos sobre os concursos de beleza que aconteciam na cidade, tornando possível compreender como o jornal é um forte instrumento de influência para os seus leitores.

Além disso, o trabalho também buscou entender como o Diário da Borborema apresentou um olhar tendencioso em suas notícias quando o assunto eram as mulheres pobres e periféricas. Muitas vezes o jornal adotava um verdadeiro tom de entretenimento quando se referia a elas, a forma que o jornal as representava mostrava que as mesmas não mereciam respeito, às suas imagens, nomes, ou histórias de vida eram exploradas incansavelmente pelo periódico em suas páginas policiais.

Isso se reflete quando observamos as representações das mulheres negras produzidas pelo jornal, as matérias representadas no trabalho realçam a situação de pobreza na qual essas mulheres estavam ligadas, o que nos faz pensar que a reflexão sobre raça, gênero e classe deve ser indissociável.

Todas as questões apresentadas me levam a concluir que o trajeto para a construção dessa pesquisa abriu diversos caminhos, mas um deles foi refletir sobre a condição da mulher hoje, em especial da mulher preta e periférica. Essas mulheres continuam existindo e resistindo, pensar sobre a história é também pensar em suas continuidades, e o presente trabalho nos faz entender o papel da mídia, em especial do jornal, na construção desse lugar social que as coloca como fora da norma segue sendo reafirmado e se faz presente até os dias atuais.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Dispensando o feioso: a construção da higiene estética em Campina Grande (1930-1960)**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/3135>. Acesso em: 01 out. 2021.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: 1929-1989**. São Paulo: Edit. Univ. Estadual Paulista, 1991.

CABRAL FILHO, Severino - **CAMPINA GRANDE – PB (1930–1950) Modernização, cotidiano e cultura material**. Projeto História (online), v. 40, p. 259-292, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p. 117-133, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>. Acesso em: 07 ago. 2021.

CAVALCANTI, Silêde Leila O. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a modernização dos costumes - Campina Grande 1930/1950**. Mestrado em História. Recife: UFPE, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre prática e representações**. Lisboa/Rio: Difel/Bertrand, 1988.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação** in: Estudos Avançados. 11(5), 1991.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder: representação nas páginas de Jornal**, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/coutinho-iluska-colunismo-poder.pdf>. Acesso em: 8 set.2021.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Revista Projeto História, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-153

FERNANDES, Silvana Torquato. **Modernização em Campina Grande nas páginas do Diário da Borborema**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, Sp: Anpuh, 2011. p. 1-17. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849117\\_ARQUIVO\\_TrabalhoAnpuhSP2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849117_ARQUIVO_TrabalhoAnpuhSP2011.pdf). Acesso em: 10 set. 2021

D'ARAÚJO, Maria Celina; JOFÀLY, Mariana. **Os dias seguintes ao golpe de 1964 e a construção da ditadura (1964-1968)**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Tempo do regime autoritário: ditadura militar e redemocratização da quarta república (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 14-58.

FIGUEIREDO, Maria Aparecida Barbosa de. **Cotidiano e vida privada em imagens: Campina Grande/pb (1950-1970)**. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/2541>. Acesso em: 01 set. 2021.

FONSECA, Cláudia. "Ser mulher, mãe, pobre". In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p.535-580.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Carla Silva de. **A mulher preta nos jornais impressos: uma análise da construção discursiva nas páginas de a tarde e a massa!**. 2017. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

MÉNDEZ, Natalia Pietra. **Feminismo, imprensa e poder no Brasil Contemporâneo**. MÉTIS: história & cultura, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, p. 269-288, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/848>. Acesso em: 15/09/2021.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. In: *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, 2005. p.77-98

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte:Autêntica

PINTO, Célia Regina. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, Marcos Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de campina grande em transformação (1930 - 1950)**. 2008. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **AS MULHERES DE "PARAIBURGO": representações de gênero em jornais de juiz de fora/mg (1964 a 1975)**. 2009. 293 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes. **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: Unesp, 1995. p. 81-91. Disponível em: [https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO\\_Margareth-as\\_mulheres\\_na\\_historiografia\\_brasileira.pdf](https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.

SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral. **Tecendo caminhos escriturísticos nas páginas da história: cartografia da escrita feminina na imprensa campinense (1950)**. 2010. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Estadual de Campina Grande, Campina Grande, 2010. Disponível em:

<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2477/1/PDF%20-%20Ajanayr%20Michelly%20Sobral%20Santana.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Concurso de Beleza: discursos e sujeitos**. III Colóquio Nacional de Moda. Proposta de Comunicação ao GT: "História e produção de discursos de moda" UDESC.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura.1965-2002**. 2008. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 11-27, 1994. Disponível em: [https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1994\(3\)/Scott.pdf](https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/Pagu/1994(3)/Scott.pdf). Acesso em: 04 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Gênero, uma categoria útil para análise histórica.

SOUZA, A. C. B. DE. **Lazer, prazer e dor em Campina Grande nas décadas de 1940-1950**. Revista Espacialidades, v. 5, n. 04, p. 22-52, 24 dez. 2012.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Na casa e... na rua: cartografias das mulheres na cidade (Campina Grande, 1930-1945)**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 24, jun. 2005.

SOIHET, Rachel. **"Mulheres pobres e violência no Brasil urbano"**. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 362-400.

\_\_\_\_\_, R., & PEDRO, J. M. (2007). **A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero**. Revista Brasileira de História, 27(54), 281-300. <https://doi.org/10.1590/s0102-01882007000200015>

SCHMIDT, Simone Pereira. **O feminismo nas páginas dos jornais: revisitando o Brasil dos anos 70 aos 90**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 77-90, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11921>. Acesso em: 15/09/2021.

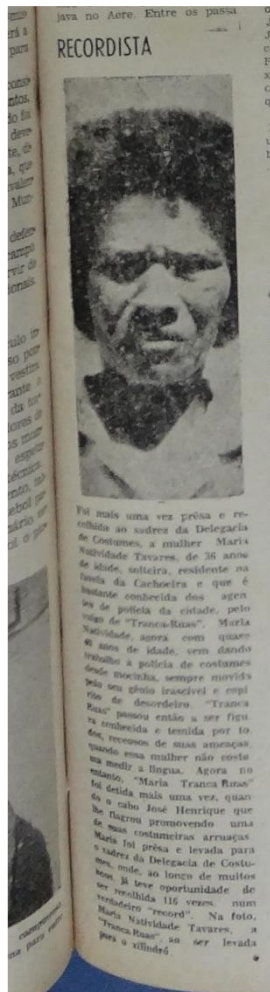
VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 238 p. Tradução de: Léo Schlafman.

### **Periódicos:**

Diário da Borborema: 1968 – 1971.

**ANEXOS:**

**Anexo 1: “Recordistas” nas quantidades de prisões**



Diário da Borborema, 8 de fevereiro da 1968, n°



Diário da Borborema, 15 de janeiro de 1970, n°

## Anexo 2: "Guerra as mundanas"



Diário da Borborema, 3 de janeiro de 1969, nº 3666



Diário da Borborema, 13 de março de 1971





Diário da Borborema, 13 de março de 1969.

**Anexo 3: Sexualização da mulher negra**



Diário da Borborema, 05 de março de 1971.



# Anexo 4: "Mendicância: um problema de ordem social"



As quatro horas já são bastante convulsivas em nossa cidade. São realmente áreas, atadas, pois não têm a mínima condição de exercerem qualquer atividade.

São milhares os mendigos que vivem impregnando a cidade, muitas vezes usando crônicas antigas para melhor sensibilizarem as pessoas que passam.

O Rápido do área chegou às condições de preservação e preservação de caráter, mas a situação não está adequada para impregnar a cidade.

## Mendicância: um problema de ordem social

Texto de Francisco Feitosa

Fotos de Valdir Lira

Um dos problemas que têm preocupado seriamente autoridades e sociólogos do mundo inteiro é o da mendicância. Milhões de pessoas que não podem e muitas vezes não querem trabalhar vivem sem e desoladamente de viver de caridade pública ou, quando há, de uma pequena soma de dinheiro de algum social para os indigentes e o povo em geral.

No Brasil, esse problema tem adquirido a dimensão de uma verdadeira epidemia. Segundo dados do Instituto de Estatística do Brasil, mais de 10 milhões de pessoas vivem em condições de extrema pobreza, o que representa cerca de 20% da população brasileira. Esse número vem aumentando constantemente, devido à falta de oportunidades de emprego e à inflação galopante.

**MEDIDAS GOVERNAMENTAIS**

Em vários Estados e municípios, já quase um ponto mendicância.

Certos governadores e prefeitos, se não conseguiram a solução, já tentaram recorrer às autoridades locais, estaduais e nacionais, pedindo auxílio financeiro e técnico. Mas, até agora, não houve uma política clara e consistente de combate à mendicância.

Em algumas cidades, já se tentou criar centros de trabalho para os mendigos, mas com resultados muito modestos. Isso ocorre porque a maioria dos mendigos não possui habilidades ou formação profissional que lhes permita encontrar emprego no mercado de trabalho.

Em outras cidades que evoluíram e evoluem para suas centenas de milhares de habitantes, os mendigos são vistos como um problema de ordem social. Isso ocorre porque a mendicância não é apenas um fenômeno econômico, mas também um reflexo da desigualdade social e da falta de oportunidades de emprego.

Para resolver esse problema, é necessário que o governo tome medidas eficazes, como a criação de programas de geração de emprego e renda, a melhoria da educação pública e a implementação de políticas de redistribuição de renda.

**SITUAÇÃO AGRAVANTE**

Em dias de festa, as ruas são tomadas por milhares de mendigos que, muitas vezes, usam crônicas antigas para pedir esmolas. Isso ocorre porque a mendicância é uma atividade que se torna mais visível em momentos de maior circulação de dinheiro.

Essa situação agrava o problema social, pois os mendigos são vistos como uma ameaça à ordem pública e à moralidade da sociedade. Além disso, a mendicância também contribui para a perpetuação da pobreza, pois os mendigos não recebem um valor suficiente para cobrir suas necessidades básicas.

Em algumas cidades, já se tentou criar centros de trabalho para os mendigos, mas com resultados muito modestos. Isso ocorre porque a maioria dos mendigos não possui habilidades ou formação profissional que lhes permita encontrar emprego no mercado de trabalho.

Para resolver esse problema, é necessário que o governo tome medidas eficazes, como a criação de programas de geração de emprego e renda, a melhoria da educação pública e a implementação de políticas de redistribuição de renda.

Em outras cidades que evoluíram e evoluem para suas centenas de milhares de habitantes, os mendigos são vistos como um problema de ordem social. Isso ocorre porque a mendicância não é apenas um fenômeno econômico, mas também um reflexo da desigualdade social e da falta de oportunidades de emprego.

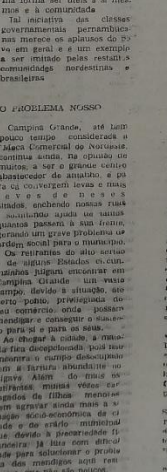
Para resolver esse problema, é necessário que o governo tome medidas eficazes, como a criação de programas de geração de emprego e renda, a melhoria da educação pública e a implementação de políticas de redistribuição de renda.



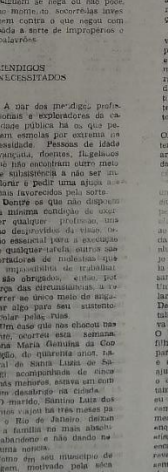
Quatro horas já são bastante convulsivas em nossa cidade. São realmente áreas, atadas, pois não têm a mínima condição de exercerem qualquer atividade.



São milhares os mendigos que vivem impregnando a cidade, muitas vezes usando crônicas antigas para melhor sensibilizarem as pessoas que passam.



O Rápido do área chegou às condições de preservação e preservação de caráter, mas a situação não está adequada para impregnar a cidade.



Em dias de festa, as ruas são tomadas por milhares de mendigos que, muitas vezes, usam crônicas antigas para pedir esmolas.



Em algumas cidades, já se tentou criar centros de trabalho para os mendigos, mas com resultados muito modestos.



Em outras cidades que evoluíram e evoluem para suas centenas de milhares de habitantes, os mendigos são vistos como um problema de ordem social.

**O Caçadores não é um sonho: é uma realidade!**

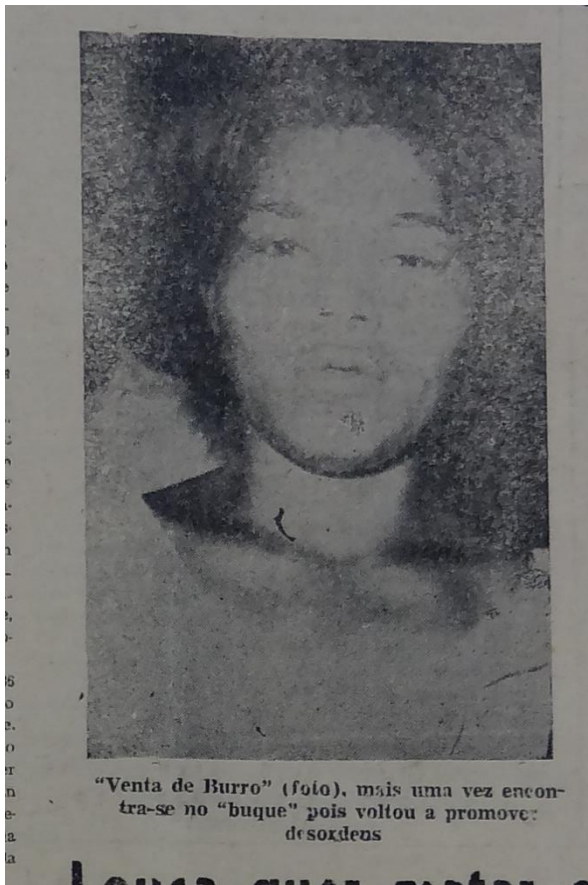
2 piscinas, uma doca, um parque infantil, uma quadra de esportes, 2 "stands" de tiro, um bosque maravilhoso onde o associado pode desfrutar dos encantos da natureza!

**Promoção de Aniversário: NUDE O CAÇADORES A CRESCER!**

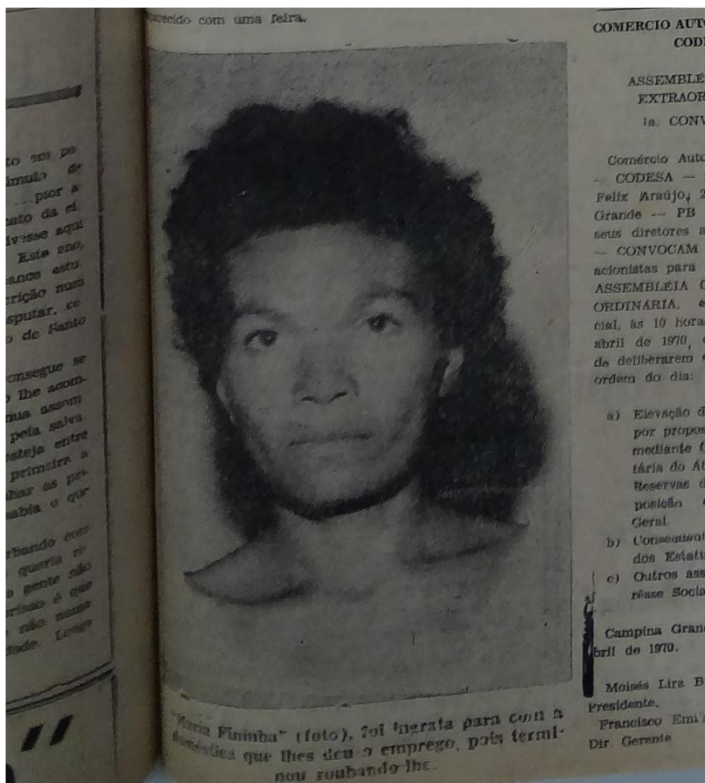
DE CR\$ 100,00!

Fonte: Diário da Borborema, 24 de janeiro de 1971, nº4271, p.3

## Anexo 5: Os “Apelidos”



Diário da Borborema, 12 de abril de 1970, nº 4045, p.5



Diário da Borborema, 17 de abril de 1970, nº 4049, p.5



## Anexo 7:

### Reuniões das mulheres da elite



Fonte: Diário da Borborema, 6 de janeiro de 1968, nº 3371, p.7



Fonte: Diário da Borborema, 9 de janeiro de 1969, nº3671, p.7

Anexo 8: Concursos de beleza

# Miss Paraíba será escolhida hoje



O grupo está desfalcado, mas sei: lindas jovens estarão, logo mais, na passarela da AABR a partir das 22 horas, disputando o título de Miss Paraíba para, de certo e coroa, representar a Paraíba no certame que indicará a Miss Brasil 1971.



MIRIAM AGUIAR  
(AABR)



MARIA DAS GRAÇAS  
(Caçadores)



RITA BARBOSA  
(Gresse)



VERA LUCIA MEDEIROS  
(Alliança Clube 31)



LUZINETE VIEIRA  
(BNE - Clube)



MARIA DE FÁTIMA NERY  
(Alagoa Nova)

FORÇA TOTAL

o futuro  
valor

ERRO NORMAL

Plástica  
FRESCOS  
COMPROMISSO  
MODELOS  
PLÁSTICO LTDA.  
FONE 44  
7057  
PERNAMBUCO  
Emprego de a produto

de Maio de 1971

Grande, 29 de Maio de 1971

DIÁRIO DA BORBOREMA





## Anexo 9: As referências de moda

### Para o presente da mamãe aí está o Listão SOCIC

(O preço a Vista da Fábrica, para voce ganhar o lucro)

|   |      |        |
|---|------|--------|
| Liquidificador Novo ARNO .....                | NCrs | 99,60  |
| Armário GEIGLAR Para Cozinha .....            | "    | 336,00 |
| Batedeira de Bolo ARNO -- completa .....      | "    | 134,40 |
| Sala P/ Copa GUANABARA com 8 Peças .....      | "    | 480,00 |
| Batedeira de Bolo WALITA RUBEN .....          | "    | 168,00 |
| Enceradeira NOVO ARNO .....                   | "    | 238,00 |
| Refrigerador PROSÓCIMO (alto luxo) .....      | "    | 680,00 |
| Enceradeira Super ARNO - cromada .....        | "    | 269,00 |
| Rádio PHILIPS portátil .....                  | "    | 100,00 |
| Refrigerador FRIGIDAIRE .....                 | "    | 784,00 |
| Secador P/ Cabelo ARNO STANDARD .....         | "    | 28,80  |
| Enceradeira WALITA W-3-cromada .....          | "    | 253,00 |
| Liquidificador ARNO L. P. C/ 3 Rotações ..... | "    | 100,00 |
| Liquidificador ARNO L. P. C/ 5 Rotações ..... | "    | 106,60 |
| Liquidificador WALITA L. S. .....             | "    | 96,80  |
| Liquidificador WALITA L. S. -- cromado .....  | "    | 116,00 |
| Máquina de Costura EIGIN C/ Gabinete .....    | "    | 329,00 |
| Secador de Cabelo ARNO -- Coniunte .....      | "    | 145,60 |
| Enceradeira WALITA W-1 .....                  | "    | 271,00 |

**SOCIC... Rua João Pessoa, 274 e na  
Maciel Pinheiro, 80/86, no Palácio do Comércio**

**TERTULIA**  
A Tertulia de domingo que passou segundo os que lá compareceram foi uma das maiores realizadas do mês elegante. A juventude com pimenta compareceu em massa. Os associados aderiram com o nome que tomou o clube aristocrático sob a direção social de Mariuzo Bezerra e Lúcio Macedo. No próximo domingo, a Tertulia será oferecida.

**JORNAL**  
O Colégio Estadual da Prata nas dependências do professor Antonio Carlos Raposo e vários alunos, entre eles Francisco Cordero Antonio Fernandes de Araújo, André Luiz de Arruda e Walter Fernandes, pretendem lançar, naquele colégio um jornal cultural que circule entre os alunos e estudantes. Iria pedir ajuda nas ilustrações e matérias. Colaborem com a louvável iniciativa.



A grande novidade vestida nos dias, que não vem de uma festa para a festa, é um modelo especial que não se pode definir e que se chama de "divino". Os franceses dizem que se chama de "divino", e assim se chama o modelo. Não que a novidade de pura classe. Um exemplo de pura classe, e não há nada de novo, e um modelo para a moda.

Diário da Borborema, 04 de maio de 1970.

### MODA: Da melindrosa à transparência



... que compõem as vestes modernas...  
... que a transparência...  
... que a melindrosa...  
... que a transparência...

Milhares de mulheres estão diariamente em Campina Grande. Cada uma delas quer a moda da transparência. Isso não é novidade, é uma tendência de sempre e a transparência é importante.

Diário da Borborema, 12 de março de 1969.

# Pretinho para adolescentes

Quem tem filha no idade contraditória da adolescência, sabe que terá pela frente uma fase de variações de humor que vai de zero a mil, e volta a nada outra vez, sem nenhuma causa aparente. Hoje, sua garota está alegre, comunicativa, com grandes projetos de ser singaríssima, e chama-se sua pessoa. Já no outro dia amasheco vestida com aquela culpa Lee da ruína, — a mesma que ontem havia sido porta de lado como um trajo desbotado — e não a tira do corpo por vários dias, mantendo-se mais unida que linho, e respondendo a todas as indagações com um impaciente: Ora mãe!

Paciência, portanto, com esse ser inquieto e descontente, que está querendo afirmar-se nesta fase de transição e também de insperado. Seja compreensiva, — dentro do limite de bom senso, e claro.

Se ela quer, usar aquela blusinha desbotada, lembre-se que talvez isso seja considerado a vestimenta ideal pela sua "tarda", e ser aceita pelo seu grupo é muito importante. Mas tarde ela mesma verá, quando já se sentir mais segura de si, que a gente pode pertencer ao mesmo social que quiser, sem necessariamente usar qualquer, e ter personalidade é muito mais importante que seguir ideias dos outros.

Mãe, prima, tataravó, ela pode querer sair com ar de adulta, ultradramática dentro de um vestido preto.

Mãe, não perca a cabeça: o modo como ainda é a melhor solução. Os períodos, sendo bem escolhidos, já podem fazer parte do guarda-roupa da garota. Peças que tenham uma linha juvenil, feitas em tecido leve, vaporoso. Podem até levar pedrarias, não perdendo seu encanto geral. Portanto, antes de tentar impô-la, pense se sua adolescente, não está



Peças "importantíssimas", no primeiro momento, e permita que sua filha faça um vestidinho preto, mas orientada por você.

## Aos campinenses e autoridades

Como já é de conhecimento de todos, há aproximadamente 100 anos, surgiu em Campina Grande o Sr. HERBERTO de Souza, filho de



Diário da Borborema, 02 de março de 1969.